

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Jane Roseli Keik

**HISTORIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

CURITIBA
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PÊSQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Jane Roseli Keik



**HISTORIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho apresentado como requisito parcial ao curso de
Especialização em Educação das relações Étnico-raciais-
MEC/SECAD e CIPEAD-UFPR

Orientador: Prof. Dr. Jair Santana.

CURITIBA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Jane Roseli Keik

HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado como requisito parcial ao curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Josafá Moreira da Cunha

Profa. Ms. Judit Gomes

Prof. Dr. Jair Santana

Curitiba
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus que sempre proporcionou grandes oportunidades na minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Jair Santana, pela generosidade, conhecimento, paciência e sabedoria dedicados a mim e ao meu trabalho.

A coordenadora e Professora Judit Gomes da Silva.

Ao sobrinho Jonathan Fialla.

Árvore que enverga o vento não quebra.
Provérbio Africano

RESUMO

O presente estudo, tem por objetivo demonstrar a importância da implantação da lei 10.639/03, que confere à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira maior especificidade no tocante ao ensino de História e Cultura da África e dos afrodescendentes. Por meio de pesquisa bibliográfica e coleta de dados em campo pela professora da classe/autora do trabalho, tem por objetivos investigar os obscuros caminhos da formação da inferioridade ideológica do afrodescendente, as formas de resistência em busca de sua emancipação, bem como suas lutas em favor de uma educação de qualidade, voltada demanda plural de nosso país. Também se dispõem a articular, a luz da teoria revisada, a vivência de atividades didáticas em sala de aula com foco na valorização da diversidade. A expectativa referente à efetivação da lei 10.639/03 no cotidiano escolar, cerne do trabalho, concebe a educação infantil enquanto um meio de ruptura das desigualdades raciais no Brasil.

Sugere, pois que, o trabalho pedagógico fundamentado em um currículo que contemple a diversidade, dotado de consciência política; vinculado à ação de educadores capacitados para a articulação didática na perspectiva das ações afirmativas só tem a contribuir para o fim das tensões raciais e com supremacia dos conteúdos eurocêntricos, por muito desarticulados com a realidade em sala de aula. Pesquisar o assunto é fundamental para compreender como se dão as relações raciais no interior da escola, visto que este espaço é lócus de relações sociais que estruturam e marcam o processo de socialização da criança.

Palavras-Chave: Cultura-africana. Afro-brasileira. Educação infantil. Afrodescendente. Relações Raciais.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate the importance of the implementation of Law 10.639/03, which gives the Guidelines and Bases of Brazilian Education Law greater specificity regarding the teaching of History and Culture of Africa and people of African descent. Through bibliographic research and collection of field data by the teacher of the class/author of this work, aims to investigate the shady paths of formation of ideological inferiority of African descent, the forms of resistance in search of their emancipation and their struggles favor of quality education, focused plural demand of our country. Also I have articulate, the light of the revised theory, the experience of learning activities in the classroom focusing on valuing diversity. The expectation regarding the execution of the Law 10.639/03 in school life, the core of the work, conceived early childhood education as a way to break the racial inequalities in Brazil. Therefore suggests that the pedagogical work based on a curriculum that addresses diversity, endowed with political consciousness; linked to the action of trained educators to didactic articulation in view of affirmative action only has to contribute to the end of racial tensions and supremacy of Eurocentric content, however disjointed with reality in the classroom.

Search it is essential to understand how to give race relations within the school, as this space is locus of social relations that structure and mark the child's socialization process.

Keywords: African Culture. African-Brazilian. Childhood education. African descent. Race Relations

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

..... 8

CAPÍTULO I

1. A Diversidade Cultural no Cmei Regina O. Wolf10

CAPÍTULO II

2. A Importância da Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil.....12

2.1 A Oralidade12

2.2 A Corporeidade13

2.3 A Música14

2.4 Os Instrumentos Afro-brasileiros15

2.5 A Culinária15

2.6 A Arte e Dança Africana17

2.7 O Vocabulário Banto18

2.8 O Espaço Griô19

2.9 A Literatura Infantil Africana20

CAPÍTULO III

3. Algumas Peculiaridades da Educação Infantil23

4. Metodologia26

5 **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**.....27

7 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....30

8 **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**.....32

INTRODUÇÃO

Por que estudar a cultura africana e afro-brasileira?

Mais que a rejeição da cor da pele de um povo, o racismo se constitui na negação da história e da civilização desse povo; a rejeição de seu *ethos*, de seu ser total. A diversidade, contudo, e a riqueza da experiência humana, se funda em grande parte na interação, na intercomunicação e no intercâmbio entre culturas específicas. O objetivo verdadeiramente revolucionário não é erradicar as diferenças (mas antes), evitar que elas sejam transformadas em pedras fundamentais da opressão, da desigualdade de oportunidades ou da desigualdade de oportunidades ou da estratificação social. (NACIMENTO e LAKIN).

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar a importância da história e cultura africana e afro-brasileira, na educação infantil, na faixa etária de 04 a 05 anos. O conhecimento da história da cultura africana e afro-brasileira compreende a riqueza o legado africano no Brasil. A oralidade, a corporeidade, a música, os instrumentos afro-brasileiros, a culinária, a arte e dança africana, o vocabulário, o espaço grô, a literatura infantil africana, expressam de alguma forma a habilidade e a africanidade da população brasileira. Todo o conhecimento relacionado a cultura africana e afro-brasileira, aumenta o repertório da população e principalmente das crianças dentro das escolas.

Buscou-se responder, a tal problemática através de uma pesquisa bibliográfica. A decisão em realizar esse trabalho, justifica-se pela construção da sua identidade, valorização da autoestima, respeito a individualidade e característica étnico-racial, como também da importância da história e cultura africana na educação infantil.

Para melhor compreensão desse tema, foram estabelecidos três objetivos: reconhecer a importância do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil na faixa etária de 04 a 05 anos para que as crianças nessa faixa etária compreendam a riqueza do legado africano; propor práticas pedagógicas que privilegiem a expressão africana e a realidade afro-brasileira no contexto escolar da educação infantil.

As crianças na faixa etária de 04 a 05 anos, assim como outras crianças em diferentes faixas etárias precisam de referenciais de pertencimentos para que

cresçam de uma forma saudável, numa perspectiva multicultural e multirracial ampliando os conceitos de igualdade, solidariedade, fraternidade e respeito.

Conhecer as crianças na diversidade, pois cada uma tem sua identidade própria, vivem em famílias distintas, vem de comunidades étnicas, ambientes culturais e níveis econômicos diversos pois permeia a sociedade brasileira, é um direito que deve ou deveria fazer parte da Educação Escolar. Professores(as) são responsáveis por ensinar, principalmente as crianças numa diversidade cultural.

Não deixou para trás, a origem portuguesa e a indígena, o conteúdo tem de abordar a vinda involuntária dos africanos. Em 2003 a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foi aprovada com a Lei 10.639/03.

A Lei 10639/03, é um dos marcos significativos que fortalecem a presença da questão étnico-racial nos currículos escolares. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial ser na Educação Infantil.

A organização do trabalho distribui-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo apresentado o tema diversidade cultural a ser trabalhado com as crianças na faixa de 04 a 05 anos, no Cmei Regina O. Wolf

O segundo capítulo analisa a importância da cultura africana na educação infantil. A cultura africana pode ser encontrada em vários aspectos da cultura brasileira como a dança, música, a religião, a culinária, o folclore, a oralidade, arte e contação de história.

O terceiro capítulo abordo algumas peculiaridades da educação infantil no contexto da educação étnico racial.

Sendo a pesquisa uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, investigação, diálogo e interação com a realidade, pretendeu-se com este trabalho discutir os desafios e as possibilidades do uso e aplicação da Lei 10.639/03 no Cmei Regina O. Wolf, ouvindo as inquietações dos professores sobre a sua realidade, os quais são desafiados a cada mudança e alteração nas leis deste país.

CAPÍTULO I

1. A Diversidade Cultural no Cmei Regina O. Wolf

Todo o planejamento realizado na Instituição seguiu-se as coordenadas, contempladas nas Diretrizes Curriculares Municipais da Educação Infantil, do Município de Almirante Tamandaré. Na ocasião o tema trabalhado foi Diversidade, tendo como objetivos principais: conscientizar sobre o respeito que devemos ter com as pessoas, independentes de sua raça, cor, religião; valorizar a afro-descendentes, reconhecer a sua presença na sociedade; inserir a temática em práticas diárias, como contação de histórias infantis, músicas, brinquedo .

As crianças no espaço infantil, não são iguais. Pois cada uma tem sua identidade própria, vive em famílias diferentes, provém de comunidades étnicas e ambientes culturais distintos.

Seguindo as diretrizes curriculares o planejamento é norteado por seis eixos: EIXO LINGUAGEM: Articulação correta das palavras, ampliação do vocabulário, contação de histórias; EIXO MATEMÁTICA: Revisão das formas geométricas e cores; EIXO MOVIMENTO: Brincadeiras livres e dirigidas; habilidades motoras de locomoção; brinquedos cantados, dança; Eixo IDENTIDADE E AUTONOMIA: Respeito à diversidade; EIXO ARTES: Modelagem, pintura, teatro. Música; EIXO NATUREZA E SOCIEDADE: Manifestações Culturais.

Todo o trabalho no C.ME.I. segue uma rotina diária como descrita a seguir; chagada das crianças, café, atividades pedagógicas, almoço, higiene, horário do sono, lanche da tarde, jantar, horário de saída.

Neste dia iniciou-se o tema proposto com uma roda de conversa, com as crianças sobre o tema Diversidade; fazendo os perceber que somos diferentes (alguma criança tem cabelos claros, outro escuro, olhos claros, outro escuro, altura, religião).

Logo após foi proposto como atividade pedagógica, a confecção de uma boneca afro, feita com pratos de papelão, pintados com tinta guache marrom, e seu rosto e cabelos confeccionados em e.v.a. preto.

No outro dia, após a retomada da roda de conversa, foi desenhado o contorno do mapa do Brasil, em papel kraft, com colagem de figuras de pessoas de várias raças, recortadas de revistas, e coladas no mapa para representar a Diversidade e

também compor nosso painel. E concluído as atividades pedagógicas procurou – se adequar o Espaço Griô (Brasília Ministério da Educação- 2014 p. 35). Os griôs são bibliotecas vivas da tradição oral de vários povos africanos, no continente africano um Griô nasce Griô, seu ofício não é, escolhido, relaciona-se a uma herança e a sua origem. Quando nasce um Griô, a ele são atribuídos direitos e deveres, ele é responsável por guardar e transmitir a história do seu povo. Quando um Griô morre, diz-se que uma biblioteca se foi, porque ele carrega consigo a sabedoria e as tradições desse povo.

Deu início a atividade com contação de histórias africanas, um espaço para ouvir e contar. Foi organizado um ambiente aconchegante para as crianças ouvirem e brincarem com as mais diversas narrativas. Foram selecionados alguns livros de histórias infantis africanos como descritas a seguir: Aqui, destacam-se quatro livros que foi utilizado para as leituras.

O primeiro livro “Bichos da África”, de Rogério Andrade Barbosa, são quatro volumes, compostos por lendas e fábulas da tradição oral africana. O segundo livro é “O príncipe medroso e outros contos africanos”, de autoria de Anna Soler-Pont, que traz uma coletânea de histórias contadas em vários países, da África Subsaariana até o sul do continente. Há desde as mais conhecidas como fábulas de animais e mitos de origem, até as mais desconhecidas- como as de princesas e príncipes, entre elas o conto que dá título ao livro. O terceiro livro é “Fábulas do mundo todo”, publicado em 2004 pela Editora Melhoramentos. O quarto livro de John Kilaka “A árvore maravilhosa. Um livro ilustrado da Tanzânia.

Ao final da leitura e cada história, foram retomadas com, as crianças quais eram os animais das narrativas? Deixou-se que comentassem e trocassem idéias sobre o que ouviram. Foi realizado brincadeiras com as características dos animais tais como movimento, sons, forma etc. Elas fizeram imitação dos animais com som e movimento, e cada uma escolheu seu animal.

Com isso foi possível observar o quão grande foi o interesse das crianças, por ouvirem estas histórias africanas. Atualmente passou a fazer parte da rotina da Educação Infantil do CMEI Regina O. Wolf. Na contação de histórias, elas aguardam ansiosas e atentas por esse momento

No capítulo seguinte será abordado, a importância da cultura africana e afro- brasileira na educação infantil.

CAPÍTULO II

2. A Importância da Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil

No capítulo três analiso a importância da cultura africana e afro-brasileira na educação infantil, dentro do âmbito escolar, criando espaços de atividades diferenciadas como jogos, brincadeiras, dança, apresentação de capoeira, exposição de atividades, comidas típicas, espaço Griô, teatros, cartazes, música, ritmos, folclore, festividades populares, vocabulário africano, arte desenvolvido na educação infantil.

O Brasil tem a maior população de origem africana fora da África e, por isso, a cultura desse continente exerce grande influência, principalmente na região nordeste do Brasil. Hoje a cultura afro-brasileira é resultado também das influências dos portugueses e indígenas, que se manifestam na música, culinária, capoeira.

2.1 A Oralidade

Um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos (...) porque um 'conhecedor' nunca era um especialista no sentido moderno da palavra mas, mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião (...) podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. Era um conhecimento (...) segundo a competência de cada um, uma espécie de 'ciência da vida'; vida, considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. E o ensinamento nunca era sistemático, mas deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório (Bâ, 2003, p. 174-175).

Como aponta Bâ, o poder da palavra garante e preserva ensinamentos, uma vez que possui uma energia vital, com capacidade criadora e transformadora do mundo. Energia que possui diferentes denominações para as diversas civilizações, por exemplo, para os bantus essa energia é hamba, já para o povo iorubá a energia é o axé.

Nas instituições de educação infantil a oralidade precisa ser priorizada com uma intencionalidade, dando assim uma continuidade às práticas que já ocorrem na família e que devem ser desenvolvidas de maneira contextualizada e significativa. Não se pode esquecer que é nesse espaço que milhões de crianças vão passar parte de sua infância, portanto, convivendo e dialogando com outras crianças e com outros

adultos. Uma das funções das instituições de educação infantil é favorecer o desenvolvimento da linguagem que, por sua vez, depende do estabelecimento de situações de diálogo, de fala e de escuta, assim como instaurar a criança desde muito cedo como interlocutora, como capaz de produzir e se apropriar da linguagem.

2.2 A Corporeidade

Corporeidade é voltar os sentidos para sentir a vida; olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar o odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo essa experiência a outras no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber (MOREIRA, 2005, p. 31).

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da educação básica, embora nos moldes da escola atual não seja ainda, em muitas instituições, um espaço escolarizado, por conta do predomínio do cuidar sobre o educar, pela formação de grande parte das profissionais atuantes apresentar lacunas e por vigorar, principalmente por parte das famílias das crianças, uma dúvida concepção a respeito dos reais objetivos dessa fase educacional: alguns pais veem a educação infantil como um espaço para deixar as crianças enquanto trabalham, outros cobram uma aprendizagem tradicional, muitas vezes questionando: mas o meu filho vem pra escola somente para brincar, desenhar e pintar? Não aprende nada?

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem e este é um ser essencialmente corporal, pois pelo corpo manifestamos aspectos de nossa existência, de nossa cultura, de nossa sociedade. O corpo é mais do que um conjunto constituído de músculos e ossos: nele estão marcados signos sociais que expressam a cultura de um povo.

Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade. A corporeidade é o conhecimento do corpo do ponto de vista filosófico, que parte de sua dimensão biológica, na qual esse corpo não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona ininterruptamente.

A qualidade da corporeidade depende, como em todas as funções neurológicas, da qualidade e desenvolvimento das relações estabelecidas entre as áreas sensoriais e motoras do cérebro.

Estas relações, a maioria estabelecida durante a primeira infância, com o outro e o meio são muito decisivas na sua formação. Para a Corporeidade, o fundamento da presença humana ou do fenômeno humano acontece na corporeidade significativa e expressiva na direção do outro.

É preciso ampliar nossa visão de mundo, saindo da abstração, para aprimorar a qualidade de vida, e esta só é obtida com a recuperação da vivência da corporeidade como enfatiza Assmann (1995). A corporeidade apresenta-se como a forma mais autêntica do corpo humano ser representado no mundo vivido.

Uma das formas de trabalhar a corporeidade é através das cantigas de roda, bolas, pular corda, jogos lúdicos, ginástica.

2.3 A Música

Na música a cultura africana contribuiu com os ritmos que são a base da boa parte da música popular brasileira. Gêneros musicais coloniais de influência africana, como o “lundu” deram origem a base rítmica do maxixe, samba, choro e bossa nova.

As músicas mais populares dessa cultura afro-brasileira são movimento construído através dos anseios vivenciados por grupos socialmente e racionalmente excluídos dos seus direitos, tendo em sua estrutura uma cultura, que causa entretenimento dessa classe, ao mesmo tempo em que garante a oportunidade de expor seus pensamentos expressados na mais pura arte afro-periférica.

SAMBA¹: caracterizados por uma seção de ritmos contendo marcação. É a principal forma de música de raízes africanas surgidas no Brasil. O nome “samba” origina-se do nome angolano *semba*, um ritmo religioso, axé music, pagode, xote, lambada, funk.

A música² africana tem algumas peculiaridades interessantes como por exemplo, a repetição como princípio organizado, e também a polifonia ou seja, duas ou mais partes ou vozes soando de forma simultânea. Isto confere a música africana qualidade comunicativa diferenciada de qualquer ritmo: Maracatu, Afoxé, Samba, Congada, Jongo, Catumbi.

¹ Disponível em <<http://www.suapesquisa.com/samba/>>. Acesso em 05 dez. 2015.

² Disponível em <https://www.faecpr.edu.br/site/porta1_afro_brasileira/3_l.php>. Acesso em 05 dez. 2015.

2.4 Os Instrumentos Afro-brasileiros ³

Afoxé: constituído por uma cabaça rodeada por miçangas ligadas por uma espécie de rede.

Agogô: constituído por duas campânulas de metal, percutidas por uma vareta do mesmo metal.

Atabaque: instrumento de percussão. Formado por um tambor cilíndrico, com uma das bocas cobertas de couro. Para tocá-lo usa-se as mãos com duas baquetas (aguidavi).

Berimbau: Instrumento de corda, tradicional da capoeira, utilizado para comandar as rodas, estabelecendo o ritmo das músicas e do jogo.

Pandeiro: instrumento de percussão com rodela duplas de metal enfiadas ao redor de um aro de madeira. Tocado com a palma da mão e os dedos. Marcador de ritmos e acompanhamento.

Reco-reco: produz som por atrito. Formado por um gomo de bambu ou ripa de madeira com talhos transversais. Tocado com fricção de um pauzinho sobre os talhos, produzindo o som de raspagem.

Caxixi: significa palma da mão. Uma cesta de vime com pedrinhas.

Chiquitsi ou caeme: Uma caixa de vime achatada com pedrinhas.

Alfaia: um tambor usado no maracatu. Feito com pele de cabrito dos dois lados, fixados por cordas de sisal.

Marimba: são pedaços retangulares de madeira de vários tamanhos colocados sobre uma caixa acústica. Tocados com baquetas.

Cúica: cilindro de madeira ou metal fixado com couro em um dos lados por aros e hastes tendo no interior uma vareta de bambu. O som de dá através de fricção da haste interna por um pano úmido e a pressão na parte externa feito pelo dedo.

Ganzá: gomo fino de bambu vedado com pedrinhas no interior.

2.5 A Culinária ⁴

A influência da cultura africana aparece também na alimentação. A cozinha brasileira deriva em grande parte da cozinha africana, mesclada com elementos da

³ Disponível em <<http://paulo-lourenco.blogspot.com.br/2013/01/instrumentos-usados-nas-culturas-e.html>>. Acesso em 05 dez. 2015.

cozinha indígena e portuguesa.

A feijoada brasileira, considerada o prato nacional do Brasil, é frequentemente citada como tendo sido criada nas senzalas e ter servido de alimento para os escravos na época colonial. Atualmente, porém, considera-se a feijoada brasileira uma adaptação tropical da feijoada portuguesa que não foi servida normalmente aos escravos. Apesar disso, a cozinha brasileira regional foi muito influenciada pela cozinha africana, mesclada com elementos culinários europeus e indígenas.

Na época das grandes navegações, Portugal vivia de forma pioneira o fenômeno da globalização, lançando-se mar ao encontro da ampliação comercial, da conquista de novas rotas em busca de alimento e especiarias. Sem dúvidas, as grandes matrizes da diversa e variada cozinha brasileira está em um Portugal ampliado com a África, com o Oriente e com as centenas de culturas indígenas. Pode-se caracterizar a cozinha de herança africana no Brasil como adaptativa, criativa e legitimadora de muitos produtos africanos e não africanos que foram incluídos regionais e em outros de presença nacional. O nosso tão celebrado coco-verde vem da Índia, passando antes pela África Oriental, África Ocidental, Cabo Verde e Guiné para então fixar-se no Nordeste brasileiro. O dendê é uma das marcas da cozinha genuinamente africana no Brasil e o dendezeiro é sagrado para os Iorubá, sendo conhecido como *igí-opé*. A mundialização sempre aconteceu na boca.

Por volta do século 16 a alimentação cotidiana na África, que foi incorporada à comida brasileira pelos escravos, incluía arroz, feijão, sorgo, milho e cuscuz. A carne era predominante de caças (antílopes, gazelas, búfalos e aves). Os alimentos eram preparados assados, tostados ou cozidos. Feijão variados, inhames, quiabos, acréscimos de camarões defumados, gengibre, pimentas e óleos vegetais como o azeite-de-dendê fazem a base de uma mesa em que vigoram acarajés, abará, vatapás de peixe e galinha, bobós, carurus, entre tantos outros pratos. Ainda os cardápios sagrados dos terreiros de candomblé trazem alimentos como o ipeté, amalá, acaçá e bebidas como aluá, feito de milho rapadura, gengibre e água. A alimentação dos escravos nas propriedades ricas incluía canjica, feijão-preto, toucinho, carne-seca, laranjas, bananas, farinha de mandioca e o que conseguisse pescar e caçar; e nas pobres era de farinha, laranja e banana.

Os temperos utilizados na comida eram o açafrão, o óleo de dendê e o leite de coco. O cuscuz já era conhecido na África antes da chegada dos portugueses ao Brasil, e tem origem no norte da África, entre os berberes. No Brasil, o cuscuz é consumido doce, feito com leite e leite de coco, a não ser o cuscuz paulista, consumido com ovos cozidos, cebola, alho, cheiro-verde e outros legumes. O leite de coco é usado para regar peixes, mariscos, arroz-de-coco, cuscuz, mungunzá e outras iguarias.

2.6 A Arte e Dança Africana

A história da arte africana remonta o período pré-histórico. As formas artísticas mais antiga são as pinturas e gravações em pedra Tassili e Enedi na região do Saara.

Os africanos faziam seus objetos de arte utilizando diversos elementos da natureza, retratando na obra imagens do cotidiano.

A arte africana chegou ao Brasil através dos escravos, que foram trazidos pelos portugueses durante o período colonial e imperial. Em muitos casos, os elementos artísticos africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses para gerar novos componentes artísticos de uma magnífica arte brasileira. Repleta de história, mitos crenças e filosofias dos habitantes deste enorme continente. A riqueza desta arte tem fornecido como matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa. Neste tipo de arte, está envolvida pinturas que relatam a cor negra, como pintura de escravos, artesãos, Grécia antiga.

Na época da escravidão toda cultura negra era reprimida principalmente se tivesse conotação de luta praticada nas tribos africanas, para poder ser disfarçado, foi adicionado o instrumento musical que deu uma imagem de dança.

Podem ser considerados dança afro-brasileira, várias manifestações da nossa cultura popular: afoxé, samba de roda, dança do maculelê, reggae, samba reggae, recentemente axé baiano, tambor de crioula, maracatu, tango e bumba. A Capoeira é uma luta disfarçada em dança, criada pelos escravos, trazida da África, caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos ao som do berimbau que diferencia de outras artes marciais, é a musicalidade associada a dança acompanhada de ritmo

⁴ Disponível em <<http://bahia.com.br/destaque/culinaria-afro-brasileira/>>. Acesso em 05 dez. 2015.

musical lento, golpes, jogadas baixa. O Maculelê de origem arte marcial, simula uma luta tribal, como arma dois bastões chamados de grimas com os quais os participantes desferem e aparam golpes no ritmo da música.

Segundo o bailarino, coreógrafo e pesquisador Enoque santos, a dança afro-brasileira é caracterizada pela variação de movimentos, herdado dos ancestrais africanos; com base no cotidiano das tribos como o corte da cana, a colheita, preparação da farinha, a caça, a pesca, ritos, tradições, homenagens aos deuses, a natureza, a coroação de um rei ou a morte.

Os movimentos feitos de forma coletiva, manifesta nos movimentos e ritmo da percussão, faz com que as pessoas tenham contato do corpo e do trabalho em grupo.

No Brasil essa herança ganhou novos significados, como meio de expressão e diversão. Originalmente a dança afro-brasileira eram realizadas para relatar aos mais jovens, fatos históricos como por exemplo: O samba, dança ao ritmo de pandeiro, atabaques, berimbaus, chocalho e viola, maracatu teve origem nas congadas, cerimônias de coroação de reis e rainhas negras. O jongo, dança que permitia contar suas tristezas e sofrimentos entre os negros de forma que os senhores não compreendiam o que falavam.

2.7 O Vocabulário Banto

As contribuições da cultura de origem Africana, elas estão em toda a parte como: língua. As línguas africanas exerceram tanta influência no modo de falar do povo brasileiro que a nossa língua já é considerada diferente do português de Portugal. Na Bahia, são usadas cerca de cinco mil palavras de origem africana. A maior parte das palavras quem enriqueceram o vocabulário vêm do quimbundo, língua do povo Bantu.

Palavras de origem Banta

<p>Bagunça – desordem banzé – confusão batucar – repetir beleléu – morrer, sumir berimbau – arco-musical bunda – nádegas</p>

caçaça – aguardente cachimbo – pipo de fumar caçula – o mais novo dos filhos irmãos cafofo – quarto, recanto privado

2.8 O Espaço Griô

Dá-se o nome a este espaço de Griô, um lugar que retorna a ancestralidade africana do povo brasileiro, valoriza a oralidade e os modos populares de ser e de viver para compartilhar e produzir cultura por meio da palavra e guardar a memória.

Tem como objetivo favorecer o desenvolvimento da oralidade por meio da participação em eventos variados de produção de linguagem e ampliar o repertório de experiências de comunicação oral e dos demais sentidos. Estes remontam às tradições africanas do povo brasileiro, por meio da narração e da dramatização de contos e lendas africanas. O trabalho com o projeto Espaço Griô, inspirado na tradição oral africana, poderá contribuir para que os professores da educação infantil compreendam um pouco mais sobre o poder da oralidade na sociedade africana e aprendam a explorá-la no contexto brasileiro e naquele em que as instituições se encontram. Essa reflexão é importante para a orientação da relação pedagógica com as crianças pequenas e suas famílias já que, nesta etapa da educação básica, a oralidade se apresenta como forma marcante de expressão, comunicação, transmissão de valores e ensinamentos. A compreensão dessa relação entre a oralidade no contexto africano, brasileiro e na comunidade local poderá não somente ajudar os docentes a superar preconceitos, como também a compreender o potencial da palavra falada, explorando-a de maneira intencional e pedagógica com as crianças e suas famílias.

Para organizar o espaço de contar e ouvir fábulas, além da organização do espaço físico, é necessário organizar um acervo desse gênero, selecionando textos adequados. Por isso, é importante que a contação, seja acompanhada de ilustrações e fotografias grandes e coloridas dos personagens das histórias. Essas imagens constituem-se em um acervo para ser manuseado pelas crianças. Ao final da leitura das fábulas, os professores podem retornar com as crianças quais eram os personagens das narrativas.

2.9 A Literatura Infantil Africana

Para que o livro seja uma obra de referência, não basta trazer personagens negras afro-brasileira são encontrados em maior quantidade e as temáticas são diversas. Sendo assim, é necessário que haja disposição política para que sejam trabalhados de forma assertiva, em ambiente escolar e durante todo o ano letivo e não apenas em novembro, mês da consciência negra, único período no qual a maioria das escolas lembram-se de trabalhar temáticas étnico-raciais. A construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história. Sejam positivos ou negativos. Para Erikson (1972), o senso de identidade é desenvolvido durante todo ciclo de vida, no qual cada indivíduo passa por uma série de períodos de desenvolvimento distintos.

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. Serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. Então, conforme Abramovich, (1989) para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imaginá-la. E nisto a leitura de contos infantis tem contribuição fundamental. É vital o reconhecimento da necessidade da valorização da literatura infanto-juvenil, com temáticas culturais afro-brasileira. Para que a identidade das crianças possa ser corroborada tanto por parte dos pais como dos professores neste processo.

A falta de representação da criança negra fará com tendam a transformar-se em adultos problemáticos em suas afirmações como sujeitos. A construção da identidade sofrerá forte influência de todas estas representações sociais. A literatura infantil recente oferece um montante de informações e representações, pelas quais o leitor pode desenvolver a leitura, adquirir novos conhecimentos e valores, auxiliando-o na solução de situações da vida. Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade simbólicas.

Conhecer a literatura africana. Reconhecer os elementos característicos da

cultura africano em cada história. Analisar a imagem do livro. Ler e interpretar a história. Opinar sobre a história contada. Dramatizar a história. Roda de conversa sobre a história. Atividades individuais. Atividades lúdicas: Brincadeiras africanas. Elaboração de painel. Criar uma história coletiva. Confecção de teatro. Confecção de máscaras. Filmes. Vídeos, palestras sobre a cultura africana e *bulling*. Construção de instrumentos africanos. Identificar características da África: cores das bandeiras, costumes, culinária, fauna, características do povo, músicas, recortes de revistas, curiosidades sobre a África e coreografias de danças africanas.

Rodas e conversa: Sentados em roda. Ouvir a história, fazer perguntas referente a história, confeccionar uma peruca afro, dramatizar a história e desenhar a história. Vestimentas, instrumentos musicais, músicas brasileiras com ritmo africano. Festa africana com as famílias, notas de origem africana, roupas características dos africanos com música africana e exposição. Elaborar projetos como: Filme: Kiriku e a feiticeira. Gibi: A cor da cidadania. Religiões: Candomblé e Umbanda. Animais africanos.

Um modelo de literatura africana, retirado do texto de Heloisa Pires Lima, ilustração: Laura Beatriz Livro: Histórias da Preta. Neste livro a autora explica que a cultura africana aparece em pequenas porções, de modo a captar a atenção dos leitores. O texto segue deixando claro o continente, é vasto e repleto de diferenças culturais, sociais e que as várias etnias que lá habitam, tem suas características e rituais próprios. Como não poderia de deixar a menção, a tradição dos griots, contadores de histórias, afinal a oralidade é fundamental para a manutenção das histórias transmitidas de uma geração a outra. Seus contadores de histórias não escrevem. Contam e recontam. Eles aprendem a arte desde pequenos com os mestres.

O texto nos remete ao mesmo tempo, ao nosso lugar e a nossa sociedade, mas também a uma cultura rica que ainda precisamos conhecer e respeitar. Por meio do livro conhecemos um pouco sobre a história da África e a identidade brasileira.

Na primeira parte do livro: preta é uma menina brasileira descendente de africanos e europeus se apresenta e reflete sobre si, o modo como se vê e como é vista pelos outros sobre “etiquetas” que recebemos (afro e euro) e as diferenças e semelhança sobre as pessoas. Ela reflete sobre a cor da sua pele convivendo com a família e com os amigos, ela não para de pensar sobre todas essas questões, seja pelo carinho que recebe da tia e da vó, seja pelo modo mais duro como entende que

as outras pessoas a veem e a percebem, enquanto a família, a cerca de cuidados, ouve e dá respostas as suas dúvidas, as outras pessoas a evitam ou a julgam de maneira preconceituosa.

Eu desenvolvi algumas atividades com as crianças dentro do âmbito escolar, através de fotos e biografias de algumas personalidades africanas, que com suas ações deram sua contribuição para a trajetória histórica do continente africano de 1938, como exemplo é:

Buchi Emecheta; nascida em 21 de julho de 1944, em Lagos, Nigéria. Escritora renomada, recebeu prêmios importantes de literatura. Escreveu livros infantis, peças para teatro e, em 1986, publicou a sua autobiografia, *Head Above Water*, com muito êxito.

Fela Ransone-Kuti; Nasceu na Nigéria, em 15 de outubro de 1938. Ativista político anticolonialista, defensor dos direitos humanos e pan- africanista, influenciou muitos músicos africanos e brasileiros com o estilo afrobeat. É uma das personalidades mais importantes da música do século XX. Através de sua arte, Fela combatia a corrupção, mas foi perseguido pelo governo de seu país. Fez sucesso com *Zombie*. Criou o próprio partido político, o Movimento do Povo, e candidatou-se a presidente da Nigéria em 1979, mas sua candidatura foi recusada. Faleceu em 2 de agosto de 1997.

Mia Couto; Nasceu em Moçambique em 5 de julho de 1955. Considerado um dos melhores escritores africanos do século XX, Antonio Emílio Leite Couto iniciou sua carreira como jornalista e tornou-se o escritor moçambicano mais trazido na atualidade. É membro da Academia Brasileira de Letras.

Nelson Mandela; Considerado um dos principais líderes da história mundial, nasceu na África do Sul em 18 de julho de 1918. Foi o principal líder na luta pelo fim do Apartheid, contra a discriminação sofrida pelos negros em seu país. Em função disso, foi preso por diversas vezes e condenado à prisão perpétua em 1964. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Foi o primeiro presidente eleito da África do Sul.

CAPÍTULO III

3. Algumas Peculiaridades da Educação Infantil

Neste capítulo, eu abordo algumas peculiaridades da educação infantil no contexto e a educação étnico racial.

As relações existentes entre pessoas brancas e negras são determinadas pela igualdade, harmonia e solidariedade, pois todos fazem parte de um mesmo povo.

Mas é difícil e complicado para as crianças nesta faixa etária, encontrar igualdade diante dos tratamentos desiguais dentro da escola

E como explica-se as diferenças mostra-se distante do cotidiano das crianças, pois não oferece provas de igualdade.

Ao contrário da a prova da existência dos tratamentos diferenciados na origem étnica

A criança tem o direito de ser e de sentir-se acolhidas e respeitadas nas suas diferenças, como sujeitos de direitos. Sua corporeidade, estética, religião, gênero, raça/etnia ou deficiência, diversão ser respeitadas, não por um apelo moral, assistencialista ou religiosa, mas sim porque essa é a postura esperada da sociedade da escola democrática que zelam pela sua infância. Por isso as ações e o currículo da educação infantil deverão se indagar sobre qual tem sido o trato pedagógico dado às crianças negras, brancas e de outras étnico-raciais, bem como suas famílias e histórias.

É na ação curricular que as práticas são realizadas e as crianças pequenas aprendem a conviver umas com as outras, têm contato mais direto com as diferenças, expressam e adquirem valores.

Nesse contexto, os preconceitos raciais também são aprendidos e nem sempre são alvo de uma séria intervenção pedagógica. Cada vez mais, os profissionais da educação infantil vêm percebendo essa situação, observando que a necessidade de superação dessas práticas tem sido apontada por pesquisas e reconhecida nos documentos oficiais. Porém, ainda se faz presente de forma muito incipiente na formação inicial e continuada dos professores. É nessa realidade que todos nós somos educados, inclusive as crianças pequenas. Sendo assim, “ainda estamos muito distantes de poder dizer que as crianças não atribuem valores superiores aos traços físicos de pessoas brancas e, inversamente, inferiores, aos dos negros” (TRINIDAD, 2011, p. 164).

Nessa discussão, as instituições de educação infantil constituem espaços de encontros desses diferentes meninos e meninas que através das ações efetivadas

com seus pares e adultos construirão suas identidades. Buscou conhecer as interações entre crianças de 4 aos 5 anos de idade quanto às diferenças étnicas raciais no Cmei Regina O. Wolf. Os instrumentos admitidos para a geração de dados da pesquisa foram: confecção de mapas, confecção de bonecas afro, cartazes, contação de histórias africanas. Observamos a incidência de estudos (CAVALLEIRO, 1998; OLIVEIRA, 2004, TRINIDAD, 2011) focando relações sociais entre crianças e seus pares, bem como práticas pedagógicas desenvolvidas em instituições de educação infantil.

Muitas professoras, acreditando realizar um trabalho comprometido, silenciam e/ou reproduzem ações de preconceito racial, reforçando desigualdades e influenciando na constituição de identidades desses sujeitos. Tomando como base os estudos existentes acerca das relações étnico-raciais na educação infantil, competentes para criar diferentes expressões e manifestações culturais (SARMENTO; PINTO, 1997).

Assim, um grupo étnico representa um conjunto de pessoas com o mesmo pertencimento ancestral, compartilhando língua, cultura, tradições e territórios comuns. Cabe refletir, de acordo com Gomes e Munanga (2006) que não se trata aqui de brigar para definir qual conceito é o melhor para nomearmos o pertencimento étnico/racial dos afrodescendentes no Brasil. Trata-se de compreender melhor a complexidade da questão racial e entender que os termos e conceitos que usamos no dia-a-dia não são construídos ingenuamente. Eles estão imersos em um contexto histórico, cultural e político. Para compreender melhor a relação entre raça e etnia alguns estudiosos adotam a expressão étnico/racial. Esta é usada na tentativa de explicar que, ao nos referirmos ao segmento afrodescendente da população brasileira, tanto a dimensão cultural (linguagem, tradições, ancestralidade) quanto a racial (características físicas visivelmente observáveis, tais como cor da pele, tipo de cabelo etc.) são importantes e estão articuladas. Ambas devem ser consideradas em conjunto (e não de forma separada) quando falarmos sobre a complexidade do que representa “ser negro no Brasil” (GOMES; MUNANGA, 2006, p. 178). Neste sentido, as diferenças culturais existentes na população brasileira foram construídas social, política e culturalmente, valendo-se de especificidades e características como forma de hierarquizar as diferenças entre as pessoas. Em vista disso, adotamos o termo étnico-racial para reportar-nos as diversidades étnicas e raciais que compõem nosso

país, levando em consideração os processos históricos e ideológicos que particularizaram esse vasto e complexo campo.

4. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas tendo por base a publicação do MEC/SECAD UFSCar, 2004. História e Cultura africana e afro-brasileira na Educação Infantil. Pesquisa documental das Leis: 10639/03 Pareceres CNE/CP 03/2004 EDUCAÇÃO INFANTIL E PRÁTICAS PROMOTORAS DE IGUALDADE RACIAL e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana.

Duas práticas com as quais será possível realizar trabalhos pedagógicos que privilegiem a expressão africana e a realidade afro-brasileira. Essas práticas se expressam por meio de dois projetos pedagógicos: o Projeto Espaço Griô e o Projeto Capoeira. Ambos os projetos trabalham com dimensões de desenvolvimento humano muito presentes na educação infantil: a oralidade, a corporeidade, a musicalidade, o ritmo e a sociabilidade.

Os griôs (contadores de histórias) e a capoeira (arte do jogo e da luta) convidam a motivar crianças a explorar vários sentidos de sua corporeidade.

Será realizado no espaço da Escola (CMEI) envolvimento de pais e professores, funcionários, crianças e comunidade, de acordo com a Lei 10639/03.

A realização de Práticas pedagógicas para ampliar o universo sócio-cultural das crianças.

Na exposição das atividades pedagógicas realizadas pelas crianças, apresentação de Capoeira, músicas, danças, jogos, brincadeiras, comidas típicas, contação de histórias africanos, teatros.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Lei nº. 10.639, de nove de janeiro de 2003, sancionada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. O Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, dispostas no Parecer do Conselho, CNE/CP 003/2004 e CNE/CP Resolução. 1/2004.

Esses documentos garantem que o tema das relações étnico-raciais seja tratado em todos os sistemas de ensino, incluindo aí a rede particular de ensino, a partir de uma abordagem que promova o valor da diversidade em nosso país (CAVALLERO E SANTOS, 2005). Em um país como o Brasil, que ainda conserva uma herança escravocrata enorme, as desigualdades enraizadas pelas políticas econômicas e públicas, principalmente na área social, revestem-se de uma importância que não podem ser desconsideradas.

A partir destes fatos, o esforço de consolidação das iniciativas que visam a elevação da qualidade de vida das populações, essencialmente dos segmentos marginalizados, seja por motivos culturais, econômicos ou étnicos, infelizmente ao longo dos tempos não têm produzido os resultados esperados. Isso também vem ocorrendo na educação. Dados recentes mostram que as condições socioeconômicas, culturais e étnicos continuam colocando barreiras para que a qualidade de vida garantida pelas leis brasileiras não atinja de fato a todos os brasileiros.

CAVALLERO (2006) registra que o preconceito às vezes começa em casa onde as relações – mais próximas – estabelecidas reproduzem através de práticas e discursos a idéia de diferença a partir de uma construção negativa do outro. Tais atitudes mostram que os indivíduos parecem ter seus lugares bastante delimitados no imaginário coletivo, transbordando para o convívio social.

Deste modo a educação étnico-racial tem por objetivo divulgar, produzir, e trabalhar na escola e na comunidade conhecimentos, atitudes, posturas e valores que

tratem da pluralidade racial preparando os seus alunos no sentido de respeitar e aceitar as diferenças. Dentro destes princípios, algumas reflexões parecem necessárias quando se tenta compreender a trajetória das políticas públicas no Brasil, na promoção da equidade social e a superação dos desequilíbrios, à garantia de direitos fundamentais da cidadania.

O Brasil, a partir da sua história de colonização, nunca obteve uma identidade autêntica, uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (ORTIZ, 2003). Nesse sentido, é um desafio desenvolver na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro (MOURA 2005).

Ainda existindo estas dificuldades, podem-se perceber nas escolas algumas mudanças básicas, nos currículos e nos relacionamentos escolares e em sala de aula. Percebe-se que desde a educação infantil aos cursos superiores, a educação, enquanto espaço de socialização e de instrução e de aquisição de conhecimentos, vem sendo cada vez mais democratizada e universalizada (PEREIRA, 2005).

No entanto, mesmo existindo estas mudanças, principalmente da postura da escola em relação às etnias raciais, apesar de importância e diversidade dos trabalhos sobre relações étnicas raciais e educação, ainda faltam muitos aspectos a serem desenvolvidos.

Diante da complexidade da realidade brasileira e da forma pela qual o racismo se expressa na escola, à inclusão clara, transparente e global ainda continua distante da realidade. Sendo assim, fica claro que todos os esforços devem ser feitos para viabilizar uma educação que de fato seja um marco no tratamento das questões da infância e da adolescência e das diversas variáveis étnico-raciais.

As diretrizes que refletem esses esforços podem ser percebidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nestes documentos do Ministério da Educação e Desporto/Secretaria da Educação Fundamental (BRASIL, 1998), a escola deverá contribuir para que princípios constitucionais de igualdade sejam viabilizados, principalmente no que se refere às questões da diversidade cultural.

Nesse sentido, Ribeiro (2002, p. 150) afirma:

"Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas.

Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos?"

Já foi revelado, é fato que o preconceito racial e a discriminação se proliferam nas escolas, através de mecanismos ou funcionamento do ritual pedagógico entendido como a materialização da prática pedagógica, exclui dos currículos escolares a história de luta dos afrodescendentes na sociedade brasileira. Sobre tal aspecto, (CAVALLERO, 2000) afirma:

"É flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidencia, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interação com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades" (CAVALLERO, 2000, p. 35).

Não se pode negar, as consequências destas atitudes racistas nas vidas de milhões de crianças e jovens brasileiros. Entende-se que a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que altera a LDB 9.394/96, "para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura afro-brasileira" e para influenciar a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana (CNE, 2004), foi, sem dúvida alguma, um grande avanço, no entanto, quase nada foi realizado para materializar estas propostas, as condições materiais das escolas, a formação dos professores ainda continuam insuficientes para oferecer educação de qualidade para todos, assim como o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL, 1998).

É importante incorporar nos currículos da Educação Infantil, práticas e metodologias que possibilitem a construção de um sentimento de identificação, que regaste a história dos afrodescendentes, sua herança africana e sua importância na formação do Brasil.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da História e cultura Africana, nos faz reconhecer o que somos. O quanto pertencemos mais a África do que a Portugal. O que se descobre ao longo desta pesquisa é o silêncio de gerações que tentam camuflar suas origens por puro preconceito. Até hoje percebe-se nas escolas a falta do cumprimento com a legislação nas escolas de Educação Infantil no que tange ao conteúdo programático

No primeiro parágrafo do Artigo 26-A a lei determina a inclusão da história da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura afro-brasileira, na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do afrodescendente na área social, econômica e política pertinente a história do Brasil. Na verdade, o que deparamos é com um conteúdo programático que aborda a escravidão somente em datas comemorativas.

Desde a Lei 10.639/03 constatou-se a intensificação na reivindicação de seus direitos. Também projetos criados pelo governo estão sendo explorados pelos municípios como estratégias de articulação dentro e fora da sala de aula a fim de capacitar professores dos diversos níveis de ensino. É preciso incentivar professores a capacitação, a fim de que as crianças da Educação Infantil sejam contempladas e valorizadas sua identidade em formação.

O que ocorrerá com as crianças negras se não conhecerem a história dos seus antepassados? A ausência de conteúdo que conte sua história e que valorize sua identidade, fará com que, no futuro, elas tendam a transformar-se em adultos problemáticos em suas afirmações como sujeitos.

Quanto a literatura infantil, está sendo pouco explorada por professores da educação infantil e percebemos que o conteúdo que sempre apareceu nos livros didáticos, são sobre a escravidão, valorizando mais a noção de diversidade do nosso povo diminuindo a importância da contribuição com nossa cultura afro-brasileira. Ainda se percebe conteúdo preconceituoso nos livros didáticos relações preconceituosas entre alunos de ascendências étnico-raciais.

Há um longo caminho a percorrer para que se cumpra na íntegra a legislação. O que temos que priorizar, são programas de formação inicial e continuada de

professores, incentivo a criação de material pedagógico e bibliográfico, aprofundamento de estudos e pesquisas em conjunto com a coordenação pedagógica para o ensino sistemático dos conteúdos referentes a História e cultura Afro-brasileira no âmbito de todo o currículo escolar. É necessário valorizar a literatura infantil, com temáticas culturais afro-brasileira, que auxiliem no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Barreiros (2010) “As representações se fazem em processo de comunicação por meio da linguagem, sendo assim, a literatura é campo fértil para a performance desses procedimentos, permitindo aos críticos e leitores construir significações. A língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos traduz as representações sócio históricas e culturais de uma sociedade. A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos afrodescendentes acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação”.

O papel da escola é fundamental em apresentar uma imagem positiva dos referenciais afrodescendentes, transformando a ideia de um continente pobre de miséria e de fome, em uma África cheia de novidades de culturas variadas ricas em ritmos e alegria aos olhos das crianças.

Diante do exposto, podemos inferir que a ação do educador comprometido em levar a cultura e a história da África e do afro-brasileiro ao cotidiano escolar é fundamental no rompimento com práticas não expressivas, bem como para o avanço qualitativo das relações raciais no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e branco**. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <[http:// www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 04/12/2015

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm>. Acesso em: 04/12/2015

BRASIL. **Lei nº 11.645, 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diário Oficial da União. Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <[http:// www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/l11645.htm)>. Acesso em: 04/12/2015

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, jun. 2005. BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC/SECAD; SEPPIR, jun. 2009b.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade** Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília:DF, Outubro, 2004.

CAVALLEIRO, ELIANE DOS SANTOS. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2014.

FIGUEIREDO, LUCIANO. **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro: 2009

FREYRE, GILBERTO. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime patriarcal**. 49.ed. São Paulo. Global, 2004.

LOPES, NEI. **História e Educação Africana e Afro brasileira**. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

MUNANGA, KAMBEGELE.; NILMA L. G. **Negro no Brasil de Hoje** . 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, KAMBEGELE.; NILMA L. G. **Para entender o negro no Brasil de hoje** . São Paulo: Global, 2006.

ROCHA, ROSA MARGARIDA DE CARVALHO. **Almanaque Pedagógico Afro-**

Brasileiro. Belo Horizonte: Mazza, 2012.